

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LOHAN FELIX GREGORIO

MARCAS DO QUE SE FOI...

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LOHAN FELIX GREGORIO

MARCAS DO QUE SE FOI...

Memorial apresentado ao Curso de pedagogia - Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Gregório, Lohan Felix.
G861m Memorial de Formação : marcas do que se foi / Lohan Félix Gregório. --
Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-113-BFE

AGRADECIMENTOS

A todos que contribuíram para que este fosse possível.

EPÍGRAFE

Marcas do Que se Foi

(...)

Este ano quero paz no meu coração
quem quiser ter um amigo
que me dê a mão
o tempo passa e com ele caminhamos todos juntos
sem parar nossos passos pelo chão vão ficar
marcas do que se foi sonhos que vamos
ter como todo dia nasce novo em cada amanhecer uôô

Os Incríveis

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO.....	6
1. ONDE TUDO COMEÇOU.....	7
2. EDUCAÇÃO INFANTIL.....	8
3. PRIMEIRO GRAU.....	13
4. ESCOLHA DA PROFISSÃO.....	25
5. MAGISTÉRIO OU CURSO NORMAL DE NÍVEL MÉDIO?.....	31
6. SENTINDO NA PELE O PRECONCEITO.....	39
7. A VOLTA POR CIMA	44
8. PROFESSOR: DESAFIOS DE UM SONHO CONCRETIZADO.....	47
9. CURSO UNIVERSITÁRIO: OUTRO SONHO A SER ALCANÇADO.....	49
REFERÊNCIAS.....	54

APRESENTAÇÃO

Me chamo Lohan Felix Gregorio, sou professor e atualmente leciono na Educação Infantil. Escrever um Memorial de Formação era a condição para a conclusão de um curso de Pedagogia voltado à professores já em exercício na Educação Infantil e primeiras séries do Ensino Fundamental dos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde realizei este curso.

O presente Memorial tem como eixo o meu olhar, como aluno do curso de pedagogia, sobre a minha formação nos diferentes níveis de ensino e sobre a minha prática pedagógica.

1. ONDE TUDO COMEÇOU...

Nasci aos vinte sete dias do mês de maio do ano de mil novecentos e oitenta e dois na cidade de Santo André-SP, morei lá até os meus 18 anos.

Sempre fui uma criança muito ativa, gostava de correr, pular, brincar, fazer arte. Quando completei 4 anos minha mãe, percebendo esse meu comportamento, queria me colocar na escola, pois sabia que seria importante para o meu desenvolvimento.

Um certo dia minha mãe foi ao supermercado e encontrou uma vizinha, as duas ficaram conversando até que esta vizinha lhe disse que estava com pressa pois, ainda teria que levar seu filho à escola. A mesma perguntou a minha mãe se eu já estava estudando. Minha mãe disse que não mas, que tinha muita vontade de me colocar na escola. Então a vizinha lhe disse que seu filho estudava numa Escola Municipal de Educação Infantil (E.M.E.I.) e que nesta ainda havia vagas, que era só ela ir lá e levar os documentos necessários que conseguia fazer a minha matrícula. Mas a mesma à alertou de que se ela quizesse fazer isto deveria fazê-lo logo, pois as vagas estavam se esgotando.

Minha mãe viu aí a oportunidade, saiu do supermercado passou em casa, deixou as compras, pegou os documentos necessários e foi direto a essa determinada Escola Municipal de Educação Infantil (E.M.E.I.) citada pela vizinha, a única próxima ao bairro que eu morava. Chegando lá conseguiu fazer minha matrícula. Logo comecei a estudar.

2. EDUCAÇÃO INFANTIL

Jardim de infância

Tudo o que se precisa realmente saber, sobre como viver, o que fazer, como ser, se aprende no jardim da infância. A sabedoria não se encontra no topo de um curso de pós-graduação, Mas no montinho de areia da escola de todo dia. Essas são as coisas que se aprende lá:

- Compartilhar tudo.
- Brincar dentro das regras.
- Não bater nos outros.
- Coloque as coisas de volta no lugar onde achou.
- Arrumar a bagunça.
- Não pegar as coisas dos outros.
- Pedir desculpas quando machucar alguém.
- Lavar as mãos antes de comer.
- Puxar a descarga.
- Comer biscoitos com leite, pois fazem bem.
- Respeitar o outro.

Leve uma vida equilibrada:

- Aprenda um pouco,
- Pense um pouco,
- Desenhe,
- Pinte,
- Cante,
- Dance,
- Brinque,
- Trabalhe um pouco todos os dias.
- Tire uma soneca todos os dias.
- Quando sair, cuidado com o trânsito. Dê a mão e fique junto.

Repare nas maravilhas da vida.

Lembre-se da pequena semente que plantamos no copo de plástico:

As raízes descem, e o caule sobe,
e ninguém sabe realmente como ou porque.

Mas todos sabem que é assim.

O peixinho dourado, o hamster, o ratinho branco, e até a pequena semente no copo de plástico morre.

E nós também.

Pegue esses itens e coloque-os em termos mais adultos e sofisticados e aplique-os à sua vida familiar, ao seu trabalho, ao seu governo ou ao seu mundo e verá como ele é verdadeiro, claro e firme.

Pense em como o mundo seria melhor se todos nós, no mundo inteiro, comêssemos biscoitos com leite todos os dias às três horas da tarde, e depois descansássemos.

Ou se todos os governos tivessem, como regra básica, devolver todas as coisas no lugar em que elas se encontravam, e arrumassem a bagunça ao sair.

E é sempre verdade, não importando a idade:

Ao sair é sempre melhor dar as mãos e ficar juntos.

(Robert Fulghum, 1988)

Lembro-me como se fosse hoje, da minha fase na Educação Infantil. Como eu gostava de ir à escola. No primeiro dia de aula, enquanto outras crianças choravam para entrar na escola, eu me sentia feliz por estar indo a ela. Foram dois anos estudando nessa determinada E.M.E.I., tenho muitas recordações boas do espaço físico da escola, de algumas atividades como: jogar futebol na quadra, cantar músicas, ir ao parque, brincar na areia, da merenda e da merendeira, de algumas datas comemorativas, das atividades de: perfuração, escrita, pintura, massinha, de um porta jóia de palitos que fiz para minha mãe, das professoras que tive, dos amigos que conquistei, do segurança, e até da formatura: me recordo de ter ganhado um estojo de madeira com alguns materiais escolares e um diploma.

Como eu era uma criança muito interessada em aprender e o ambiente era bastante motivador saí desta E.M.E.I. quase alfabetizado.

Foi gostoso poder curtir a infância, brincar e viver o lúdico. Isso me fez lembrar de um trecho de um artigo chamado: “a importância da qualidade do Espaço na Educação das crianças, lido na disciplina de Pedagogia da Educação Infantil”, onde Lima (1994 p.9), cita que

...o brincar sempre fez parte da necessidade vital dos seres humanos. Ela é a atividade mais séria e fecunda da criança, através da qual ela simula situações, dramatiza experiências boas e más, descobre significados, conhece o território e o outro que nele se encontra, exercita pensamentos e por isso constrói o seu conhecimento... (1994 p. 9)

Concordo com a autora quando diz que o brincar é necessário ao ser humano. Hoje percebo que mudou-se completamente a forma de se pensar infância. Isso ocorreu, pois conforme aprendi na disciplina de “Educação da criança de 0 a 6 anos” através de um texto chamado “Sem segredos: cultura infantil, saturação de

informação e infância pós moderna”, extraído do livro “Cultura infantil: A construção corporativa da infância”, as autoras Steinberg e Kincheloe (2001 p.11) afirmam que “...a infância é um artefato social e histórico, e não uma simples entidade biológica...”

A infância de ontem já não é mas a mesma de hoje devido a um movimento histórico, social e cultural. Atualmente vivemos o que posso chamar de infância pós moderna. Segundo Narodowski (2000):

...a infância moderna morre tendo como pontos de fuga dois grandes pólos. Um é o pólo da infância hiper-realizada, da infância da realidade virtual. Trata-se das crianças que realizam sua infância com a internet, os computadores, os sessenta e cinco canais de TV a cabo, os videogames e que há tempo deixaram de ocupar o lugar do não-saber. Costumam ser consideradas como “pequenos monstros” por seus pais e seus professores e parecem não suscitar carinho ou ternura ou ao menos não esse carinho que reservávamos tradicionalmente para a infância moderna.

(...)

O outro ponto de fuga é constituído pelo pólo que está conformado pela infância des-realizada. É a infância que é independente, que é autônoma, porque vive na rua, porque trabalha desde muito cedo. São também as crianças da noite, que puderam reconstruir uma série de códigos que lhes dão certa autonomia cultural e lhes permitem realizarem-se, ou melhor, des-realizarem-se, esta é a palavra correta, como infância. É a infância não da realidade virtual, mas da realidade real.

A infância hiper realizada, da realidade real, surge hoje numa sociedade que acredita que quem domina a tecnologia tem poder. Na disciplina de “Tecnologia e Educação” li um texto chamado: “o futuro chegou”, onde dizia que:

...quem detém o poder é quem detém a tecnologia e a informação, ao contrário de tempos anteriores, quando o poder era representado, primeiro, pela posse da terra e, depois, pela posse dos bens de produção e da mão-de-obra farta, ou de recursos naturais.

A tecnologia está presente na vida do ser humano, é preciso garantir o seu acesso, pois o referido texto coloca ainda como necessário que:

...a maioria dos segmentos e das classes sociais tenham acesso à tecnologia e ao conhecimento. Senão estarão implacavelmente relegados ao limbo dos contingentes de reserva de mão-de-obra não-especializada, cada vez menos necessários.

Tal citação é verdadeira, pois hoje o acesso a tecnologia é fundamental, quem não possui tal conhecimento é excluído da sociedade. Vivemos em meio a máquinas: computadores, robôs, etc, é necessário saber utilizá-los.

No caso da infância des-realizada, da realidade real, não é de hoje que esta existe. Recorrendo aos fatos históricos relacionados com a infância, na disciplina de “Educação da criança de 0 a 6 anos”, pude analisar a concepção da infância através dos tempos. Os estudos de Ariès mostraram que da Idade Média até o fim do século XVII, a criança era considerada como um adulto em miniatura, não era valorizada pela família e suas vidas eram retiradas. A prática do infanticídio era considerada crime, mas muitas vezes era feita de uma forma escondida. conforme cita Ariès em seu livro História Social da Criança e da Família:

...eu chamaria atenção para um fenômeno muito importante e que começa a ser conhecido: a persistência até o fim do século XVII do infanticídio tolerado. Não se tratava de uma prática aceita, como a exposição em Roma. O infanticídio era um crime severamente punido. No entanto era praticado em segredo, correntemente, talvez, camuflado, sob a forma de acidente: as crianças morriam asfixiadas naturalmente na cama dos pais, onde dormiam. Não se fazia nada para conservá-las ou para salvá-las.

(...)

O fato de ajudar a natureza a fazer desaparecer criaturas tão poucos dotadas de um ser suficiente não era confessado, mas tampouco era considerado com vergonha. Fazia parte das coisas moralmente neutras, condenadas pela ética da Igreja e do Estado, mas praticadas em segredos, numa semiconsciência, no limite da vontade, do conhecimento e da falta de jeito. (1981 p.17)

Por causa da condenação do infanticídio e da prática do aborto surgiram as rodas dos expostos. As crianças eram abandonadas em instituições através destas.

A primeira roda de que se tem notícia foi instalada em Roma, no ano de 1198, pelo papa Inocêncio III, no Hospital do Espírito Santo. No Brasil, começaram a ser instaladas a partir do século XVIII.

Pereira e Costa (2004) citam num trecho do artigo: “O Ciclo Recursivo do Abandono”, como funcionava a Roda dos Expostos:

A Roda correspondia a um sistema com dispositivo giratório de madeira, semelhante a um cilindro, o qual dispunha de uma janela que permitia que a criança fosse deixada na instituição, sem que o depositante fosse identificado (Marcílio, 1998; Motta, 2001; Venâncio, 1999). Em virtude das sanções da Santa Inquisição sobre o casamento, a preservação da honra tornou-se motivo freqüente para a exposição de crianças na Roda. Na Alta Idade Média, a condenação do aborto e do infanticídio contribuiu para o aumento e a justificativa do abandono, realizado, sobretudo, por mulheres ilustres (Marcílio, 1998).

No texto *Maternidade Negada*, Venâncio (1997), demonstra alguns outros motivos pelos quais as mães alegavam para abandonar seus filhos na Roda: "... a pobreza, a condenação moral às mães solteiras, o esfacelamento da família..."

Na disciplina de "Educação Não Formal" discutimos a questão do abandono das crianças, através do livro "História Social da Criança Abandonada" onde Marcílio (1998) faz uma análise da situação da infância abandonada:

(...)

A História Social da América Latina não pode prescindir da forte presença da pobreza, da marginalidade social, da criança ilegítima ou da criança abandonada. Ignorar esse amplo segmento de nossa população é fazer um História Social, uma História da Família, uma História Privada ou uma História do cotidiano, incompletas, omissas, insuficientes.

(...)

... a ilegitimidade e o abandono de crianças – têm sido de grande amplitude nas Américas católicas, do início da colonização aos nossos dias. Até bem recentemente, os historiadores ignoravam o tema infância, particularmente o da infância desvalida.

(...)

A situação de exclusão e de exploração de parte considerável da infância brasileira é, com certeza, o maior desafio do Brasil, neste fim de milênio".

É preciso refletir sobre essas palavras descritas por Marcílio (1998), pois muito pouco ou quase nada se tem feito, nem no fim do milênio passado e nem no começo deste, para melhorar a situação da criança explorada e abandonada no Brasil.

Foi criado o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, mas conforme afirma Marcílio (1998), "... existe um abismo profundo entre as belas normas e a dura realidade da infância brasileira."

As leis que falam sobre a infância são muito bonitas no papel, mas na prática muitas vezes, essas não acontecem como tinham que acontecer. É urgente que sejam repensadas as políticas públicas de atendimento às crianças para que atendam efetivamente as necessidades das crianças.

3. PRIMEIRO GRAU

Passei a estudar numa determinada escola estadual que ficava localizada próximo ao bairro que eu morava.

Estava iniciando a 1ª. série do 1.grau (atualmente Ensino Fundamental), e como já disse, sempre tive muito interesse em aprender, logo, no começo da 1ª. série estava alfabetizado.

Me lembro do dia em que a minha professora colocou um texto na lousa e me pediu para o ler em voz alta para todos da sala, eu o li, ela ficou tão feliz que até chamou a professora da outra sala de 1ª. série para ver. Eu nunca me esqueci desse dia.

A partir desse dia minha professora, me pedia para ajudar as crianças que tinham mais dificuldades na aprendizagem e eu assim fazia. Lembro-me das carteiras da sala de aula, enfileiradas umas atrás das outras e das crianças que também eram divididas em fileiras: dos fracos, dos médios e dos fortes. Eu como fazia parte da fileira dos bons, ajudava a professora.

Quando eu chegava em casa ia direto para a garagem onde gostava de brincar de escolinha. Não possuía amigos para brincar comigo, somente meu irmão, mas ele ia para a E.M.E.I. estudar, estudava em horário oposto ao meu, sendo assim, eu criava alguns amigos imaginários e fingia que era o professor e que dava aulas para eles. Reproduzia a prática de minha professora brincando sozinho em casa.

Refletindo, hoje tenho consciência de que eu reproduzia uma prática considerada tradicional e que sou fruto deste ensino que visava: o processo

educacional focado no ensino e no professor. O aluno é o depositário dos conhecimentos do professor. Na linguagem de Paulo Freire, este sistema de ensino é denominado de "educação bancária". A metodologia de ensino caracteriza-se pela "transmissão" de conteúdos, cabendo ao professor expô-los e demonstrá-los. Ao aluno cabe o papel de demonstrar que sabe reproduzir o conhecimento do professor. O conhecimento é visto aqui como um acúmulo de informações e o aprendizado como um produto.

Recorrendo as aulas de Currículo e Escola, o currículo presente neste tipo de ensino era o acadêmico que tinha por elemento central o conhecimento. O objetivo deste era o desenvolvimento de uma mente racional e o treinamento dos alunos no uso das idéias e processos mais proveitosos para a investigação de problemas da pesquisa especializada.

Citando uma educação tradicional, remeto-me as aulas de Sociologia, onde vi na figura de Durkheim o próprio ensino tradicional. Durkheim acreditava que a sociedade devia manter uma ordem. Segundo Tura (2001 p.54):

Para Durkheim, se devia estar atento às necessidades morais uma vez que a sociedade de seu tempo convivia com a tensão social e a eminência de eclosão de novos conflitos sociais. A autoridade é essencial, ele dizia, para "conter as forças rebeldes". (RM, p. 36)

A tarefa da educação era criar no homem um ser novo, que irá com o seu grupo, partilhar de crenças religiosas, práticas morais, tradições nacionais e profissionais e opiniões coletivas de toda espécie. O professor é o transmissor dos saberes, o agente da formação integral dos alunos, pois, o indivíduo nasce como uma tabula rasa e cabe a sociedade, pelos meios mais rápidos possíveis, agregar ao ser individual - egoísta e associal – uma natureza moral e social.

Hoje me deparo com uma concepção de educação diferente da qual fui alfabetizado e vivi no meu período de escolarização. Que bom que isso aconteceu pois denota que há uma construção e uma reconstrução da concepção de homem. Recorrendo a disciplina de “Pensamento Filosófico e Educação”, Severino no capítulo 10 “O homem, a natureza e o trabalho: a ordem econômica da sociedade” p.150 de seu livro Filosofia afirma que:

...o homem é, de fato, um ser em permanente construção, que vai se fazendo no tempo pela mediação de sua prática, de sua ação. Ele é assim, um ser histórico, que vai se criando no espaço social e no tempo histórico. Portanto, o homem não é apenas uma realidade dada, pronta e acabada, mas fundamentalmente um sujeito que vai construindo aos poucos sua própria realidade...

Hoje há a concepção de alfabetização do Letramento. Sérgio Leite em seu texto “Notas sobre o processo de alfabetização escolar” afirmou através de Soares (1998) que Letramento é

...o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e a escrever, ou seja o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. A autora supõe que essas práticas tem efeitos sobre os indivíduos e os diferenciam daqueles que não tem acesso às referidas práticas sociais. Para ela, o que muda no indivíduo que apresenta um bom nível de letramento é o seu lugar social, ou seja, muda a sua forma de inserção cultural na medida em que passa a usufruir de uma outra condição social e cultural. Assim, as práticas sociais que envolvem leitura e escrita podem promover alterações mais adequadas nas relações que o indivíduo mantém com os outros.

Assim, apropriar-se socialmente da escrita, através de seus usos sociais, é diferente de aprender a ler e a escrever, no sentido do domínio do código, ou do domínio da tecnologia da escrita, como aponta Soares. Essas duas concepções não caminham necessariamente juntas, embora isto seja esperado e desejado: é possível que haja um indivíduo alfabetizado (domínio do código), mas com um nível pobre de letramento; da mesma forma, um indivíduo que não domina o código pode ter acesso às práticas da escrita (por exemplo, quando terceiros escrevem ou lêem cartas para ele), demonstrando um nível de letramento...

Isso demonstra que hoje a alfabetização não visa somente o domínio do código mas sim a função social da leitura e da escrita. Pois o mundo é letrado, a criança já nasce inserida neste.

Sempre fui muito comprometido com os estudos. Na 2ª. série ganhei um cartaz da professora de “aluno responsável” do mês. Todo mês ela escolhia uma criança que se destacava e fazia um cartaz de aluno do mês e colocava no mural da sala.

Ainda na 2ª. série, lembro-me de um concurso de ortografia realizado pela professora. Neste dia, ela entregou uma folha de almanaque para cada aluno e disse que iria ditar algumas palavras e os dois alunos que escrevessem o maior número de palavras corretamente ganhariam um presente. Neste concurso eu fiquei em segundo lugar, a professora me deu uma lápiseira.

Esse fato me lembrou de um texto do livro “por que (não) ensinar gramática na escola”, de Sírio Possenti, lido na disciplina de “Teoria Pedagógica e Produção em Português” sobre ensinar ou não gramática na escola. Neste Possenti (1996), deixa claro que o ensino de gramática, segundo o conceito de ensinar regras, não é necessário. Coloca como sendo importante que a escola priorize a leitura, a escrita, a narrativa oral, o debate e todas as formas de interpretação e afirma que primeiro é preciso aprender a falar a língua e depois falar sobre ela.

Além da questão da gramática, os fatos ocorridos em minha 2ª. série, tanto a questão do controle do comportamento através de um cartaz de aluno do mês, quanto a questão da recompensa através de um presente para quem acertasse as questões ortográficas me remeteram as aulas de “Pensamento Psicológico e Educação” onde percebi que estas práticas estavam ligadas a uma abordagem comportamentalista que têm em Skinner um importante representante. O processo educacional tem por objetivo moldar o comportamento, fornecendo ao aluno a oportunidade de experimentar conhecimentos "descobrimos" através do contato com

o mundo certas verdades. A metodologia de ensino baseia-se em recompensas e controles. Valoriza-se a tecnologia educacional, a modelagem de conhecimento. Cabe ao professor organizar a situação ensino-aprendizagem para atingir os objetivos instrucionais e de treinamento desejados. Conhecimento aqui é visto como conteúdos e habilidades adquiridas através da experiência individual. O aprendizado ainda é um produto, agora um produto cultural e mutável por induções do processo de ensino.

A avaliação era feita através de provas, para verificar se os alunos adquiriram ou não os conhecimentos transmitidos pelo professor. Gerando assim, uma medida traduzida em nota ou conceito, excluindo quem não houvesse assimilado o conhecimento da forma esperada. Na disciplina de “Avaliação” pude perceber bem isso, parafraseando Perrenoud (1978) no texto: “Das diferenças culturais às desigualdades escolares: a avaliação e a norma num ensino indiferenciado”, o mesmo cita que a avaliação normativa, que compara os alunos entre si, e não de acordo com o desenvolvimento de cada um. Serve como instrumento de classificação dos alunos em bons, médios e fracos, onde os fracos são deixados de lados.

O mesmo ainda coloca que é preciso acabar com esse ensino coletivo deixando de lado essa avaliação comparativa que é um dos instrumentos utilizados para a ocorrência das desigualdades, dando espaço para uma avaliação formativa e diferenciada, que valorize a diversidade cultural e social dos alunos.

Na 3ª. série, não possuía uma letra legível, então a minha professora entreviu, considerando necessário que eu tivesse um caderno de caligrafia. Ela escrevia as palavras no meu caderno e eu as copiava de forma legível. Não gostava de escrever

no caderno de caligrafia. Recorrendo hoje a um texto do curso PROFA – Programa de Formação de Professores Alfabetizadores pude refletir sobre o assunto pois este deixa claro que:

“... O treino do traçado das letras, exercícios de caligrafia, cópias ou atividades para cobrir o traçado pontilhado não ajudam os alunos a escreverem bem. O traçado da letra pode ser mostrado, mas não deve ser o centro do trabalho de escrita. Os alunos irão se apropriar dessa habilidade escrevendo textos.”

Percebi o quanto é importante uma escrita legível, pois ninguém escreve somente para si. Mas hoje compreendo que existem outros recursos a serem utilizados sem necessariamente recorrer-se à prática do uso do caderno de caligrafia.

Com relação a minha letra, esta uma vez me rendeu uma história que nunca esqueci. Estava na 7ª. série, quando ocorreu este fato. Eu tinha uma professora de matemática que sempre vistava os cadernos da turma para ver se estávamos em dia com a matéria, ela seguia a ordem da caderneta de chamada para tal. Nesta vez, eu havia passado meu caderno a limpo pois percebi que o mesmo estava relaxado e não queria apresentá-lo daquela maneira porque após ter utilizado caderno de caligrafia na 3ª. série, compreendi a importância de se ter um caderno limpo, organizado e com uma letra legível.

Quando chegou a minha vez, eu o levei até ela, a mesma o olhou e me perguntou se era realmente meu aquele caderno, respondi que sim. Percebi que ela ficou admirada e fez um comentário que me deixou muito constrangido. Disse que o meu caderno parecia um “caderno de menina” pelo fato da letra ser redonda e do caderno estar impecável, pois geralmente caderno de menino é relaxado. Após este

comentário ela me deu os parabéns pelo caderno. Nunca esperei que fosse ouvir tal comentário sobre o meu caderno.

Esse fato me fez refletir e me impulsionou a pesquisar sobre a questão das relações de gênero. Yara Sayão e Silvio Duarte Bock, falam sobre a essa questão, numa matéria dada em dezembro de 2002 ao portal Educarede na internet:

A expressão "gênero" começou a ser utilizada justamente para marcar que as diferenças entre homens e mulheres não são apenas de ordem física, biológica. Como não existe natureza humana fora da cultura, a diferença sexual anatômica não pode mais ser pensada isolada do "caldo de cultura" no qual sempre está imersa. Ou seja, a diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher. Sexo é atributo biológico, enquanto gênero é uma construção social e histórica. A noção de gênero, portanto, aponta para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino.

É importante enfatizar esta distinção de conceitos (biológico X cultural), porque, como não se trata de fenômeno puramente biológico, podemos constatar que ocorrem mudanças na definição do que é ser homem ou mulher ao longo da história e em diferentes regiões e culturas. Desse modo, se as relações homem X mulher são um fenômeno de ordem cultural, podem ser transformadas. E a educação desempenha importante papel nesse sentido.

Tal afirmação é verdadeira porque as relações de gênero são construídas a partir das relações sociais, culturais e históricas pois envolvem valores e conceitos que vão sendo construídos pelas pessoas através dos tempos, constituindo assim a sua cultura.

Sobre a questão do estereótipo do "bom aluno", Luciana Zenti numa matéria feita para a revista nova escola de maio de 2002, diz que:

(...) Principalmente nas séries iniciais, em que letra bonita e caderno caprichado são sinônimos de bom aluno — ou, na opinião de muitos professores, de boa aluna. Em geral, essas características são mais comuns às meninas e os pequenos acabam rotulados de desorganizados. Se tentam caprichar no caderno, o julgamento pode até piorar. Tudo porque falta preparo para enfrentar situações que fogem aos modelos tradicionais.

Essas relações de gênero são estudadas há pelo menos 20 anos. Sobre esse assunto Luciana Zenti, numa matéria a revista nova escola de maio de 2002, demonstra que:

... Esses conceitos, tão comuns em nosso cotidiano, expressam, na verdade, estereótipos sobre masculinidade e feminilidade. São heranças culturais transmitidas pela sociedade (família, amigos, professores). O que não quer dizer que seja a verdade absoluta. Ao contrário.

A natureza não determina que as moças devam lavar a louça e os rapazes, o carro. Nem que elas têm o direito de chorar em público — e eles não. E na escola? Só as garotinhas podem manter os cadernos arrumados, com a letra impecável? Idéias assim não passam de estereótipos. Tratá-las como verdades imutáveis, ainda mais num local onde jovens personalidades estão apenas começando a se formar, pode ser um erro com uma consequência nefasta: a difusão de preconceitos. Ao reproduzir modelos, você pode, sem querer, estar podando habilidades, tolhendo talentos.

Concordo com tal citação, porque acredito que estes estereótipos não são verdades absolutas, pois o meu caso demonstra bem isso. Devemos ter cuidado com os estereótipos para não podar habilidades, tolher talentos e difundir o preconceito. Fiquei constrangido por causa do comentário dessa determinada professora, mas esse fato não me causou nenhum trauma. Todavia, para outra pessoa talvez o mesmo pudesse ter causado algum trauma, fazendo com que a mesma fosse rotulada e passasse a sofrer preconceito.

Este fato me remeteu as aulas de “Multiculturalismo e Diversidade Cultural” que falaram sobre o respeito às diferenças. Segundo Ana Mae Barbosa “... a preocupação com o pluralismo cultural, a multiculturalidade, o interculturalismo nos leva necessariamente a considerar e respeitar as diferenças, evitando uma pasteurização homogeneizante na escola...”.

Hoje acredito que ao trabalhar as relações sociais na escola é preciso mostrar que as pessoas são diferentes, as culturas são diferentes, o mundo é diferente. Portanto é necessário respeitar a individualidade de cada um.

Sobre este assunto também refleti através da disciplina de “Educação Especial” nas palavras de Romeu Sasaki (1997), que diz:

...Diversidade humana é um fato numa sociedade plural. Compõem essa diversidade todos os segmentos populacionais representados por etnias, raças, nacionalidades, naturalidades, culturas, regiões socioeconômicas,

distúrbios orgânicos, deficiências físicas, sensoriais, mentais, múltiplas, psiquiátricas e assim por diante; você pode acrescentar várias outras pessoas nessa diversidade humana.

Tal citação é verdadeira, somos diferentes uns dos outros, vivemos em meio à diversidade. Que bom que isso acontece, pois seria muito tedioso se todos fossem iguais. Porém, a maioria das pessoas não pensa assim, podemos perceber o quanto ainda predomina o preconceito e a exclusão em nossa sociedade.

Numa aula magna a professora Doutora Ana Maria Torezan (2005), afirmou que “num grupo cultural sempre existe uma diversidade inerente”, e que as “características particulares de cada pessoa não devem servir de elemento de exclusão”.

A sociedade como um todo deve refletir sobre isso e rever as suas concepções e valores. A mesma deveria ter um olhar de aceitação sobre as diferenças.

Isso me remeteu a uma citação vista numa aula de “Educação Especial”, que afirmava que Educação Inclusiva é: “... uma atitude de aceitação das diferenças, não uma simples colocação em sala de aula”. (Projeto Estadual de mudança de sistemas para Educação Inclusiva da Lousiana. Fevereiro de 2005).

Concordo com tal citação, não basta à simples colocação em sala de aula e achar que está tendo uma atitude de aceitação das diferenças. É preciso uma aceitação interior das diferenças, senão ocorrerá a exclusão disfarçada de inclusão. Pois, incluir é fazer parte de um grupo. Não é como acontece no dia-a-dia que muitos professores quando são perguntados sobre quantos alunos possuem dizem, por exemplo: “trinta e três e uma inclusão”.

Isso não existe, todos têm suas especificidades, suas diferenças, todos fazem parte do mesmo grupo. Atitudes como esta é que precisam ser revistas.

A escola precisa estar apta a receber a todos, mas o que se vê hoje é que a escola não possui condições físicas, materiais e os professores não estão preparados para atender as especificidades de todos. É preciso que haja políticas públicas de atendimento para que este quadro possa ser revertido.

Torezan (2005) numa das aulas afirmou que: “não é só a escola que tem que estar apta a receber a todos, mas a sociedade”.

Concordo com tal citação, pois a escola é somente um segmento da sociedade. É necessário que haja uma mobilização da sociedade como um todo para que ocorra efetivamente esse processo de inclusão.

Na 5.série havia uma disciplina que eu não gostava, era a de matemática. Não gostava porque o professor que lecionava esta disciplina para mim tinha por hábito chamar os alunos à lousa para resolver exercícios. Se alguém fosse chamado e não soubesse resolvê-los, ele mandava ficar de pé até que alguém os conseguisse. Esse fato me causou uma resistência muito grande ao ensino de matemática, pois comecei a trazer comigo o sentimento de insegurança.

Refletindo sobre isso hoje, na disciplina “Teoria Pedagógica e Produção em Matemática” a professora Doutora Anna Regina Lanner de Moura, fazendo uma adaptação do texto de Luciano Lima “Qual é o momento de criar a matemática?”, afirmou que se ensinarmos matemática:

...apoando-se na tarefa obrigatória, na disciplina mecânica, estaremos desenvolvendo o vírus da rejeição que se tornará anticorpo resistente a toda futura aprendizagem, gerando bloqueios cognitivos e afetivos sobretudo ao processo de aprender os conceitos científicos...

Se analisarmos a palavra “matemática” veremos que a mesma significa, em grego, “saber pensar”. Porém, o ensino que tive não propiciou o pensar e sim uma prática mecanizada de aquisição de conceitos científicos. Moura afirma que “a escola que temos portanto, é voltada apenas para a formação do intelecto; mas não do intelecto humano, e sim do “intelecto” mecânico”.

Hoje felizmente essa situação está mudando, é sabido que a linguagem matemática está presente no dia-a-dia. Constatei isso através de um texto chamado “Movimento Conceitual em Sala de Aula” onde Moura (2003) afirma que:

... Não queremos pensar a educação da criança, incluindo nesta a educação matemática, de forma fragmentada em séries escolares, e em currículos correlatos. Para tanto, teremos por primeiro pressuposto que a criança hoje, está inserida e se insere numa cultura impregnada de linguagem matemática.

É preciso que o ensino de matemática considere a afetividade no processo ensino-aprendizagem, mediante projetos e atividades que enfatizem as sensações e as diferentes linguagens e possibilite a (re) criação das relações dos alunos com a matemática e a vida.

Lembro-me das aulas de Educação Física, que visavam a prática de exercícios mecanizados, não havia uma reflexão sobre a cultura corporal. Na disciplina de “Educação Física” refleti sobre isso através do livro “Ginástica geral e educação física escolar” da autora Eliana Ayoub (2004) onde a mesma na p.85, dizia que “ A educação física escolar precisa assumir a tarefa que lhe compete no interior da escola: proporcionar um conhecimento aprofundado acerca dos diferentes temas da cultura corporal”. A cultura corporal é uma linguagem e precisa ser trabalhada. É preciso “... possibilitar uma nova lógica de pensar do aluno, na elaboração de uma síntese que lhe permita a constatação, interpretação, compreensão e explicação da

realidade acerca da cultura corporal” (coletivo de autores, 1992 p.111 in Ayoub 2004, p.83).

Assim como as aulas de Educação Física, as minhas aulas de Educação Artística sempre foram fragmentadas, eram voltadas para atividades de pintura e/ou desenho relacionadas com datas comemorativas. Hoje depois que tive a disciplina de “Artes” no curso a minha visão de Educação Artística mudou. Acredito que pensar a atividade artística na escola é, pensar a educação do olhar. É refletir, é criar, é ousar. Segundo Marcia Strazzacappa e Tiche Vianna no texto Teatro na educação: reinventando mundos “... a arte pertence ao ser humano, é uma das maneiras de se desenvolver, criar e recriar mundos...”

Quando estava na 8ª. série, haviam duas matérias de que eu gostava bastante que eram: História e Português. Eu sempre brincava com meus professores destas duas disciplinas, dizendo para eles que gostaria de ser professor de Português ou de História.

Um dia conversando com meu professor de Português, ele chegou a me dizer que se eu quizesse ser professor de Português teria que fazer faculdade de Letras, mas se eu quizesse ingressar na carreira da educação que eu começasse fazendo o curso de magistério.

4. ESCOLHA DA PROFISSÃO

Fiquei pensando no que ele me falou, estava prestes a concluir o 1º. grau e tinha que começar a pensar na minha vida profissional. Fazia perguntas a mim mesmo do tipo: o que farei? O que vou ser? Para onde vou? O que o futuro reserva para mim?

Não sabia o que fazer, não havia me decidido ainda, achava que era muito cedo para pensar nisso.

Minha mãe sempre me orientou a fazer um curso técnico, para que eu saísse com uma profissão, pronto para trabalhar. Já o meu pai, nunca me incentivou, pois ele nunca deu muito valor aos estudos, para ele o que realmente importava era trabalhar. Ele sempre me disse que eu deveria fazer algo que realmente me desse retorno financeiro, é claro que isso é importante, mas a vida não é só o dinheiro, é preciso fazer algo que faça você se sentir bem tanto profissionalmente quanto pessoalmente.

No fundo eu o entendo, pois ele teve de trabalhar muito cedo, sua família era muito pobre e não podia mantê-lo na escola. Mas também acredito no fato de que ele não gostava de estudar, pois do contrário ele tinha dado um jeito de continuar os seus estudos. Por fim acabou concluindo somente a 4ª. série do 1.grau e a partir daí começou a trabalhar: primeiro foi engraxate depois se tornou mecânico e não parou mais. Nunca deixou de prover o sustento da família, mas “a figura de pai”, deixou a desejar, pois trabalhava muito e quase não tinha tempo para dar atenção a família, a minha mãe é que sempre esteve presente comigo e com meu irmão.

Comecei a analisar alguns cursos técnicos, mas não havia nenhum que realmente tivesse chamado minha atenção, e mesmo que eu realmente tivesse gostado de algum, alguns cursos eram pagos e eu sabia que não teria condições de pagar, pois, nessa época meu pai já se encontrava aposentado, posteriormente ele voltou a trabalhar, mas nessa época nem eu, nem ele trabalhávamos, aliás minha mãe nunca quis que eu trabalhasse cedo, pois, acreditava que primeiro eu deveria terminar os meus estudos, para depois começar a trabalhar, já pelo meu pai eu estaria trabalhando desde pequeno.

Então minha mãe sugeriu que eu fizesse o curso de magistério, pois eu sairia com uma profissão, não teria custos porque era um curso fornecido na escola pública e outra, depois não era necessário fazer um curso em nível superior.

Meu pai quando ficou sabendo que minha mãe sugeriu que eu fizesse o curso de magistério, não gostou nada da idéia, dizia para eu “não ir pela cabeça de minha mãe, porque isso não iria dar certo, pois, ela havia feito o magistério, se formou como professora e nunca deu aula, que essa não era profissão de homem e que eu tinha que procurar outra profissão”.

Minha mãe, sempre quis ser professora. Coursou a escola Normal no período de 1970 à 1972 na cidade do Rio de Janeiro onde nasceu e viveu. No ano de 1971, quando ela estava no 2º ano do curso houve a mudança da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) N° 4024/61 para a a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional N° 5692/71.

Pesquisando sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional N°.4024/61 na internet descobri que a mesma foi:

“... promulgada após mais de uma década de discussão no Parlamento, no contexto da implementação do projeto desenvolvimentista na sociedade brasileira, que vai de par com a industrialização e a urbanização crescentes e a demanda progressiva por acesso à escola...”

(...)

O atendimento à presença de professores, diante da expansão do ensino primário, constituiu a principal linha orientadora da normatização relativa à formação do magistério, o que tem sido assinalado por muitos dos estudiosos que analisaram a lei em tela ao longo das últimas décadas...”.

Nesta Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº. 4024/61 no capítulo IV da formação do magistério para o ensino primário e médio no artigo 53 letra “b” dispunha sobre a formação do professor:

Art. 53 – a formação de docentes para o ensino primário far-se-á:

...

b) em escola normal de grau colegial, de três séries anuais, no mínimo, em prosseguimento ao grau ginásial.

Minha mãe começou o curso sabendo que o mesmo teria 3 anos de duração. Mas quando ela estava no 2º. ano a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº. 5692/71 que surgiu: “... dez anos após a Lei nº. 4024/61, em pleno regime autoritário...” e que tinha por ideais “...uma educação nacional fortemente redefinidas em função de metas econômicas, industriais e tecnológicas...”. Afirmava no capítulo V da formação dos professores e especialistas no artigo 30 letra “a” e § 1.º que:

Art. 30 – Exigir-se-á como formação mínima para o exercício do magistério:

a) No ensino de 1.º grau, da 1.ª à 4.ª série, habilitação específica de 2.º grau:

...

§ 1.º - Os professores a que se refere a letra “a” poderão lecionar na 5.ª e 6.ª séries do ensino de 1.ª grau se a sua habilitação houver sido obtida em quatro séries ou, quando em três, mediante estudos adicionais correspondentes a um ano letivo que incluirão, quando for o caso, formação pedagógica.

Quando minha mãe estava prestes a terminar o 3º. ano ficou sabendo que haveria o 4º. ano no curso. Na época, este seria opcional por causa da transição da

Lei, quem o fizesse poderia lecionar na 5.^a e 6.^a séries do ensino de 1.^a grau quem não fizesse poderia lecionar somente no ensino de 1.^a à 4.^a série.

Quando ela terminou o 3.^o. ano queria continuar e fazer o quarto ano, mas sua família decidiu-se mudar para a cidade de São Paulo, esse fato a impediu de continuar os seus estudos. Sua avó quis que ficasse lá morando com ela, mas minha mãe decidiu ir com o resto de sua família.

Chegando em São paulo, mais precisamente em Santo André, ela chegou a procurar emprego na área da educação, mas não teve nenhuma oportunidade, não conhecia nada e muito menos ninguém. Ela não podia ficar esperando uma oportunidade, pois sua família era muito grande e muito pobre também, minha mãe precisava trabalhar para ajudar em casa. Então, ela acabou seguindo outros rumos que não foi o da educação, fez um curso de auxiliar de enfermagem e conseguiu um trabalho na F.A.I.S.A. (Fundação de Assistência a Infância de Santo André), onde trabalhou 10 anos até conhecer meu pai e se casar com ele.

Logo ela engravidou de mim e do meu irmão, esse fato fez com que ela decidisse parar de trabalhar para cuidar de nós. O meu pai também contribuiu para que ela parasse de trabalhar, pois sempre dizia que não queria que ela trabalhasse. Ele alegava que “mulher dele não precisava trabalhar porque ele era homem e o homem é que tem que sustentar a casa”.

Essa é outra questão de gênero que é preciso ser discutida, o estereótipo de família que constituía-se pelo homem que era o chefe da família e que sustentava a casa e a mulher que ficava em casa cuidando da casa e dos filhos. Segundo Yara Sayão e Silvio Duarte Bock :

Outro aspecto importante relacionado ao gênero é o da cidadania. Como sabemos, as mulheres foram por muito tempo excluídas de direitos como, por exemplo, freqüentar a escola, votar, ter propriedades, trabalhar sem autorização do marido ou pai. Isso ocorria por uma série de razões. A estrutura familiar contribuía para barrar a participação feminina na vida pública porque necessitava das mulheres na esfera privada, cuidando dos filhos e da casa. Utilizavam-se as diferenças biológicas entre homens e mulheres, sobretudo quanto à reprodução, para afirmar que elas eram inferiores ou, pelos menos, incapazes, como as crianças. Portanto, não tinham condições de exercer funções públicas de responsabilidade.

É importante compreender que essa situação ocorria e ocorre ainda de acordo com as concepções e valores estabelecidos pela sociedade, que são adquiridos através do tipo de educação recebida e transmitida na família, na escola e nos meios de comunicações.

Felizmente essa situação está começando a mudar, pois segundo Yara Sayão e Silvio Duarte Bock:

Um exemplo concreto das mudanças ocorridas nas relações de gênero diz respeito à responsabilidade de homens e mulheres na reprodução. É claro que a gestação, parto e amamentação no seio são capacidades exclusivamente femininas. Porém, o cuidado das crianças não é exclusivo de mulheres. Essa mudança pode ser notada no cotidiano urbano com o aumento do número de pais (homens) que cuidam das crianças, e, aliás, está representada num aspecto legal: no Brasil, além da "licença-maternidade", já existe também a "licença-paternidade". Que garante uma semana para o pai cuidar dos filhos. Em alguns países europeus a legislação é mais avançada e a licença para cuidar do filho recém-nascido pode ser exercida tanto pela mãe como pelo pai da criança, ficando a cargo do casal decidir qual dos dois cuidará do bebê.

Que bom que está havendo mudanças nas relações sociais, mas ainda é preciso se fazer muito sobre essas questões de gêneros tão presentes em nossa sociedade. É necessário que estas questões sejam discutidas, refletidas, para que haja uma tomada de consciência. É preciso acabar com atitudes, baseadas em concepções estereotipadas. A escola, e os meios de comunicação de massa deveriam contribuir para isso, pois, são fontes formadoras de opinião.

Precisava me decidir quanto ao meu destino. Depois de muito pensar decidi por fazer o curso de magistério, mas ainda me sentia inseguro pois ficava pensando: como será dar aulas? será que realmente conseguirei ensinar? como será estar a frente de uma sala de aula? Será que eu vou encontrar respostas para estas perguntas no curso?

Finalmente fiz minha matrícula para o magistério, me lembro até hoje da fila que eu e minha mãe enfrentamos, pois esta era e ainda é, uma escola muito concorrida por ser uma escola tradicional de nome na cidade, possui mais de 50 anos, se localiza no centro da cidade de Santo André. Chegada a minha vez disse que queria fazer a matrícula para o curso de magistério a pessoa que me atendeu me perguntou se era realmente isso que eu queria, respondi que sim.

Assim estava começando uma outra etapa na minha vida, com algumas mudanças.

Até o ano de 1996, morava em casa própria, mas neste ano meu pai que havia se aposentado a algum tempo, pegou o dinheiro do fundo de garantia dele e comprou dois terrenos na cidade de Jaguariúna, interior de São Paulo, onde vivemos hoje, resolvendo assim, vender a nossa casa de Santo André para construir uma em Jaguariúna, ele dizia que quando ele se aposentasse iria morar numa cidade do interior, pois era mais sossegado, tranqüilo e seguro para se viver. Enquanto a casa não ficava pronta, nós nos mudamos para uma casa no mesmo bairro onde morávamos e depois para a casa do meu avô paterno, que se localizava do outro lado da cidade. Nas duas casas pagávamos aluguel.

5. MAGISTÉRIO OU CURSO NORMAL DE NÍVEL MÉDIO?

Cheguei a essa determinada escola estadual, onde cursei o Normal de Nível Médio, antigo magistério, antigo porque me mudei para esta escola em 1997, justamente um ano depois do ano das reformas na educação (1996), ano que surgiu a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) número 9394/96, havendo assim algumas mudanças na educação de um modo geral, uma delas foi a mudança do nome do curso de magistério para normal de nível médio e algumas alterações em sua estrutura. O curso passou a ter dois anos básicos, sendo o 1º. e o 2º. ano acadêmicos e o 3º. e 4º. ano tendo as matérias profissionalizantes e os estágios do curso.

Confesso que ao final do 2º. ano pensei em desistir do curso Normal, porque ainda não estava seguro da escolha que havia feito, mas pensei bem e continuei.

Quando estava no 3º. ano finalmente comecei a vivenciar o curso normal em si, surgiu uma polêmica, alguns professores do curso começaram a nos falar que só com o curso Normal não era mais possível dar aulas e que seria obrigatório até o final da década da educação (2007) ter um curso em nível superior e esse seria chamado: Normal de Nível Superior. Com isso muitas pessoas desistiram do curso, essa polêmica surgiu devido a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 "...afirmar no art. 87 § 4º que 'até o fim da Década da Educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço".

E a mesma lei afirmava que o curso superior destinado à formação de professores para o magistério na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental seria o curso Normal Superior:

O § 2º do art. 3º do Decreto nº. 3.276, de 6 de dezembro de 1999, diz que:

...

§ 2º A formação em nível superior de professores para a atuação multidisciplinar, destinada ao magistério na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental far-se-á, exclusivamente, em cursos normais superiores.

Minha professora de didática do 3º. ano que tinha bastante conhecimento de leis e da recém criada Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, realizou palestras para nós, onde ela esclareceu que nós poderíamos lecionar pois, tínhamos direito adquirido por já estar dentro do curso.

Quanto ao curso Normal Superior, ela dizia que todos deveriam fazê-lo pois segundo a lei, este seria necessário para lecionar na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Com isso ela também aproveitava para fazer propaganda do curso Normal Superior que ela estava ajudando a construir numa determinada faculdade particular na cidade de Santo André onde a mesma também dava aula.

Eu pensei em fazer o curso Normal Superior nessa determinada faculdade onde minha professora de didática do 3º. ano lecionava, quando terminasse o curso Normal de Nível Médio, mas não foi possível devido a minha vida ter seguido outros rumos ao qual estarei contando no decorrer deste memorial.

Devido à discussão suscitada pelo mencionado Decreto houve à mudança de redação do § 2º de seu artigo 1º, na forma do Decreto 3.554, de 7/8/2000, que ora é transcrita:

Art. 1º. O § 2º do art. 3º do Decreto nº. 3.276, de 6 de dezembro de 1999, passa vigorar com a seguinte redação:

...

§ “2º A formação em nível superior de professores para a atuação multidisciplinar, destinada ao magistério na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental far-se-á, preferencialmente, em cursos normais superiores”.

Essa mudança que substituiu o termo “exclusivamente” por “preferencialmente”, me fez questionar quais seriam então os cursos que poderiam preparar professores para atuarem na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Para sanar esta dúvida, recorri ao que dispõe o artigo 62 da Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96:

“Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.”

Com isso ficou claro para mim que a formação de docentes não seria feita exclusivamente em curso Normal Superior, mas sim em nível superior em curso de licenciatura plena em universidades e institutos superiores de educação. E que seria aceita como formação mínima o curso Normal de Nível Médio.

O curso de uma maneira geral foi bom, me dediquei bastante a ele. Algumas disciplinas e conseqüentemente algumas professoras me marcaram bastante, bem como meus colegas de classe. Apesar da predominância ser feminina, falo meus colegas pois além de mim haviam mais homens no curso.

Como em qualquer curso, nem tudo foi perfeito, alguns professores se mostraram sem o mínimo de postura ética e despreparados para estarem atuando em um curso de formação de professores.

Algumas disciplinas ficaram a desejar, como conteúdos metodológicos de ciências, que somente me ensinou a fazer experiências. Hoje percebo o quanto a minha visão estava limitada pois na disciplina de Teoria Pedagógica e Produção em Ciências descobri que o ensino de ciências não pode ser concebido como algo fragmentado, pois ciências é vida. Vida não pode ser considerado algo estático, pois, a cada dia algo é descoberto, construído, descobri que as experiências são estratégias metodológicas do ensino de ciências, recursos utilizados assim como, o estudo do meio, os jogos, a experimentação e não que o ensino se resume somente a isso.

A disciplina de Estudos Sociais misturou a História e a Geografia mas não mostrou a que veio, a minha visão de geografia era de que a mesma só visava falar de mapa e localização. Hoje posso dizer que após ter tido as aulas de “Teoria Pedagógica e produção em geografia”, percebi a importância de se trabalhar a geografia como um todo através de cinco eixos norteadores. O texto: “Cinco eixos orientadores de práticas educativas escolares” voltado a iniciar reflexões sobre o espaço na educação infantil e nos primeiros quatro anos do ensino fundamental fez mudar a minha visão. O texto foi construído pelos professores desta disciplina que afirmam que:

... esses cinco eixos indicam caminhos a seguir, aglutinando um conjunto de informações, conhecimentos e raciocínios geográficos pertinentes ao entendimento do mundo no qual vivemos – e de seu espaço geográfico em especial. São eles:

* As diversas identidades sociais: deslocamento do individual para o social.

* Trabalho: a realização e os sentidos do trabalho estão no jogo coletivo, o mundo é fruto do trabalho.

* Lugar: reconhecimento do lugar como espaço geográfico complexo e resultado do cruzamento de forças, tanto naturais quanto sociais; reconhecimento de que o lugar se apresenta em inúmeras camadas de tempo.

* Mapa: pensemos em quatro elementos constituidores (escala/proporção, simbologia/legenda, ponto de vista/projeção e orientação/localização), pensemos em sua produção, nas escolhas feitas pelo autor, e no entendimento/leituras.

* Raciocínio por escala (espacial e temporal): suas relações com processos sociais.

Esses eixos estão interligados nas práticas educativas, ou seja, raramente um prática estaria buscando criar percursos em apenas um eixo somente.

Sendo assim quando propomos um deslocamento do individual para o social, ou perseguimos uma educação que estimule as pessoas a se preocuparem não apenas consigo próprias, temos presentes idéias próximas daquelas das de (raciocínio por) escala: abrangência, mudança de foco, etc. Quando falamos em elemento mapa, pensamos que eles podem ser desenvolvidos durante um Estudo do meio sobre lugar onde os alunos moram e onde convivem com inúmeras formas de trabalho e onde convivem com diversas identidades sociais, que podem ser entendidas como mutáveis caso o Estudo seja realizado tendo por base as mudanças de contextos espaciais ou temporais propostos no eixo raciocínio por escala. Então podemos ter como perguntas, para nós e para fazer aos alunos, enquanto organizamos e realizamos um estudo do lugar-escola: quantas vezes podemos reduzir, para que ele caiba nessa folha e ao mesmo tempo possamos colocar tudo o que consideramos importante? Qual tipo de legenda usaremos para que o mapa seja legível por outras pessoas e ao mesmo tempo acolha as diversidades que encontramos nesse lugar? Quais são as identidades sociais que encontramos na escola? Elas são vinculadas ao local de moradia, à idade das pessoas, ao sexo, ao tamanho, à cor da pele, ao sotaque, ao tipo de roupa, que vestem, à religião que praticam, ao tipo de trabalho que fazem, ao salário que ganham, etc? Quais trabalhos se realizam na escola? Sempre foram assim? Existe um lugar específico para cada um ou todos podem ser realizados em qualquer lugar? Onde está o norte da escola para que possamos localizá-lo no mapa? Quais os objetos que se usam em cada trabalho realizado? Como esses trabalhos se organizam no tempo? Qual duração tem cada um? Qual o efeito deles na saúde das pessoas? E como as pessoas se sentem em seu trabalho e em identidades sociais? Quando penso na minha identidade de negro(a) faço parte da maioria da escola, mas quando penso na minha identidade como professor(a) sou a minoria. É possível então eu ser ao mesmo tempo membro da maioria e da minoria? Para mim é muito importante aquela árvore ali no pátio – me traz boas recordações e é uma parte verde na escola – mas estamos precisando ampliar a cantina para poder atender melhor aos alunos pois o bairro cresceu e a escola abriu novas turmas. Como fazer? Derrubamos a árvore que é muito importante para um grupo de pessoas ou preservamo-la onde está e ficamos espremidos na cantina? Ou transferimos a árvore para a praça? Ou encontramos outra solução para ampliar a cantina com os técnicos? Ou organizamos o horário da escola de outra maneira de modo a manter a cantina como está e todos poderem usá-la, mas em horários distintos?

Pensar o espaço geográfico não é saber o que tem nele, mas é entender porque ele é assim e conseguir propor permanências e mudanças nele de modo a atingir uma vida melhor, seja essa vida melhor para si mesmo ou para seu grupo social ou para aqueles que precisam mais...

Na disciplina “Teoria pedagógica e produção em História” pude refletir a importância de trabalhar com a História Integrada. Conforme Circe Maria Fernandes Bittencourt no texto “Desafios da História Integrada” afirma que:

... a História Integrada busca fornecer um estudo que possibilite ao aluno entender a simultaneidade dos acontecimentos históricos em espaços diferentes. Pode-se perceber, entre outros aspectos, que em um mesmo tempo histórico foram vivenciadas situações diferentes em diversas sociedades.

A professora Doutora Ernesta zamboni em seu texto “História Integrada é um Eufemismo” diz que:

... Ensinar o aluno a estabelecer relações entre fatos, sujeitos de uma mesma época ou de épocas diferentes é um dos pontos fundamentais a ser trabalhado em sala de aula. Devemos ter a percepção de que todo histórico deve ser estudado em sua abrangência temporal e espacial, relacionando-o com fenômenos mais próximos e mais distantes.

O mais importante é que o professor se acostume a problematizar o conteúdo, porque cria condições para um aluno pensar sobre ele, argumentar e fundamentar suas opiniões. A problematização sempre exige que o aluno pesquise, levante hipóteses, classifique-as e passe a um processo de comprovação ou rejeição com argumentos da hipótese escolhida. Ao problematizar, o professor sempre está criando condições para o aluno refletir, pensar sobre um determinado tema e dessa forma contribuir para que ele fuja da memorização pura e simples do fato....

Acredito hoje que o professor deve problematizar o conteúdo utilizando diferentes linguagens como a fotografia, o desenho e o texto escrito na construção do conhecimento histórico em sala de aula.

O relacionamento com os colegas de curso, de um modo geral foi bom. Houveram discussões, divergências de opiniões frutos da convivência em grupo, mas tudo sempre foi bem resolvido.

Alguns acontecimentos me deixaram lembranças boas como a semana do curso normal realizada no 3º. ano onde houveram várias atividades e a peça: os saltimbancos apresentada pela minha turma no 4º. ano, nós ensaiamos e

apresentamos a peça na escola onde fazíamos nossas regências. Diferente dos estágios de observação, onde somente era preciso observar a prática das professoras.

Regência era o termo utilizado para designar quando tínhamos que ministrar aulas, numa sala de uma escola pública de ensino fundamental de 1º a 4º série com a supervisão da professora de didática. Falando em regências, confesso que realmente descobri que a área da Educação era a minha vida quando comecei a fazer os meus estágios. Estar em contato com a prática me tocou profundamente, sobretudo porque tive a oportunidade de fazer estágios em Educação Infantil na E.M.E.I. onde estudei, isso trouxe a tona muitas lembranças da minha época de educação infantil, esse foi um dos motivos pelo qual decidi lecionar na educação infantil, mas tenho que confessar que nem tudo foi bom na realização dos estágios.

Haviam dias em que as professoras me pediam para rodar no mimeógrafo algumas atividades, eu que não sabia dizer não fazia, mesmo sendo avisado pela professora de didática para não fazer por que não era minha função. Isso muitas vezes me impediu de assistir as aulas e aproveitar a prática de sala de aula das professoras que era o meu objetivo ali. Me recordo até hoje de algumas vezes ter saído com meu braço dolorido de tanto rodar atividades no mimeógrafo.

Durante o curso Normal meu pai queria que mudássemos para a cidade de Jaguariúna, mas eu não queria que isso acontecesse, pois eu queria terminar o curso naquela escola e com meus colegas. Felizmente consegui fazer com que o meu pai esperasse.

Como sempre na vida tudo tem um começo, meio e fim e eu tinha que enfrentar a realidade de que o curso Normal estava acabando e que eu iria me

formar, confesso que fiquei muito ansioso para que isso acontecesse, mas ao mesmo tempo estava triste pois sabia que dali por diante cada um tomaria seu rumo e seguiria a sua vida, com alguns amigos ainda hoje tenho contato porém outros nunca mais vi.

Me recordo da formatura, esta foi muito bonita, a colação de grau foi na cidade de São Caetano numa data e o baile na cidade de Santo André em outra data, eu estava encantado pois nunca havia feito e nem ido a nenhuma formatura, foram dias muito especiais para mim.

6. SENTINDO NA PELE O PRECONCEITO...

Terminado o curso eu queria continuar estudando, cursar uma faculdade quem sabe, mas não podia, pois nesta época trabalhava como monitor de recreação, não tinha um salário fixo, só ganhava quando aparecia algum evento para fazer. Não podia contar com meu pai para me ajudar, pois ele se encontrava aposentado. Eu sabia que o dinheiro da aposentadoria dele era utilizado para as despesas da casa.

Então eu comecei a procurar emprego como professor em escolas particulares, nesta época descobri o que era o preconceito. Quando ia levar meu currículo nas escolas eu percebia que era olhado diferente por algumas pessoas. Em algumas escolas as pessoas até que disfarçavam bem, eram simpáticas mas nunca chegaram a me dar uma oportunidade.

Certa vez deixei um currículo numa determinada escola e dias depois fui chamado para uma entrevista, a coordenadora me recebeu muito bem, mas foi bem clara comigo, dizendo que só havia me chamado para aquela entrevista, pois a vaga era para uma 3ª. série, se fosse para a educação infantil jamais eu seria chamado. Mas de qualquer jeito não fui chamado para a vaga.

Numa outra ocasião, fiquei sabendo que estavam precisando de professor numa escola próximo da minha casa, fui lá e deixei um currículo, a pessoa que me atendeu pegou meu currículo o olhou e disse era muito bom e confirmou que eles estavam realmente precisando de um professor, mas deixou bem claro que por eu ser homem não poderiam me contratar por causa do preconceito dos pais.

Para dizer que não tentei tudo, eu fiz inscrição na diretoria de ensino da cidade de Santo André e comecei a me inscrever nas escolas estaduais para trabalhar como professor eventual no ensino fundamental de 1ª. à 4ª. série, mas também não obtive sucesso.

Certa vez fui com uma amiga minha de curso Normal numa Escola Estadual que ficava próximo a minha casa, escola esta em que eu realizei meus estágios de ensino fundamental (1ª. a 4ª. série), para fazermos inscrição para dar aulas como professores eventuais. Passado algum tempo esta minha amiga me ligou para dizer que esta escola a havia chamado para substituir uma professora que precisaria faltar no dia seguinte. Fiquei muito feliz por ela mas ao mesmo tempo fiquei triste e com muita raiva da escola, pois eu morava muito mais próximo desta do que minha amiga, ela precisava pegar ônibus para chegar nela e para mim era só descer a rua que já estaria lá. Analisando bem, quem deveria ter sido chamado para ir substituir a professora era eu, pois eu também havia feito minha inscrição, morava bem mais próximo da escola, e já a conhecia pois havia feito meus estágios lá.

Mas depois de muito refletir descobri que tudo tem sua razão de ser, pois do contrário acredito que hoje não estaria aqui contando minha trajetória a você. Hoje, ligo para esta minha amiga pois, ainda tenho contato com ela e pelo que sei ela continua como professora eventual desta mesma escola e diz que está muito bem, eu digo para ela que essa vaga tinha que ser dela.

Meu pai vendo que eu não conseguia encontrar um emprego na área que eu havia escolhido para atuar, achou que era o momento de mudarmos para a cidade de Jaguariúna, pois, nossa casa já havia ficado pronta. Não havia motivo para continuar pagando aluguel na casa do meu avô se a nossa já estava pronta. Seria

até melhor pois, o dinheiro utilizado para pagar o aluguel poderia ser utilizado para outras despesas.

Eu não queria mudar mas não tinha outra opção. No começo foi difícil para me acostumar a nova cidade pois, Jaguariúna é uma cidade completamente diferente da cidade de Santo André. Jaguariúna é uma cidade muito bonita, sossegada, ótima para se viver. Mas, para um jovem que vivia numa cidade movimentada, agitada, com bastante opções de passeio como Santo André, confesso que estranhei um pouco, hoje já me acostumei.

Cheguei em Jaguariúna em meados do ano de 2001, neste período procurei me informar numa escola estadual de 1ª. à 4ª. série que fica próximo a minha casa sobre como faria para conseguir dar aulas como professor eventual ali, a pessoa que me atendeu me disse que eu deveria procurar a diretoria de ensino de Limeira que era a responsável pela cidade, então fui até a cidade de Limeira e procurei a diretoria de ensino, lá me informaram que a inscrição só era feita no começo de cada ano e que eu deveria voltar no começo do ano de 2002.

Como eu não queria ficar parado esperando até o ano de 2002, fiz novamente alguns currículos e comecei a procurar emprego em algumas escolas particulares da cidade.

Deixei um currículo numa escola que ficava próximo a minha casa, fui chamado para entrevista, fiz um teste teórico, e me pediram para que aguardasse, pois, estavam entrevistando outras pessoas também. Não fui chamado para a vaga, fiquei muito decepcionado já estava pensando em desistir desta profissão, comecei a pensar que seria impossível algum dia eu conseguir lecionar.

Comecei então a procurar emprego em firmas, estava disposto a desistir da profissão, mas não consegui pois nunca havia trabalhado em firma, não possuía experiência. Hoje tenho consciência que não queria realmente desistir da área da educação, por isso não consegui um emprego em outra área que não fosse a que eu havia escolhido. Não queria reproduzir a situação da minha mãe, que não havia conseguido alcançar o seu sonho. Tinha certeza de que algum dia conseguiria alcançar o meu objetivo e mostrar para mim mesmo e para os outros que eu poderia conseguir se eu realmente acreditasse e buscasse isso.

Essa é outra questão de gênero que preciso discutir a questão da feminização da profissão docente e do preconceito, pesquisando sobre este assunto encontrei um artigo na internet chamado Representações da Docência no Fotojornalismo escrito por Saraí Schmidt que dizia que:

... na profissão docente o atravessamento de gênero é uma constante. Neste estudo que privilegiou as reportagens referentes ao *Dia do Professor*, não encontramos um exemplo onde um homem “representasse” a classe do magistério. Em geral as reportagens são verdadeiras apologias às profissionais abnegadas da educação, às heroínas que têm nas mãos o poder de transformar a sociedade. Guacira Louro (1997) pergunta qual o gênero da escola. Se por um lado há uma construção social que estabeleceu uma ligação entre o desempenho da mulher na família, junto a filhas e filhos e o seu desempenho na escola, junto a crianças e adolescente, por outro lado, historicamente o conhecimento oficial que compõem o currículo escolar, tem sido produzido por homens. Não podemos esquecer que no início da Idade Moderna o mestre era o responsável pela educação das crianças, quase sempre ligado a ordens religiosas; entretanto, em meio a transformações ocorridas nesse processo, uma das mais significativas foi a feminização do magistério. (idem,1997). Uma série de discursos vai contribuir para essa mudança, inclusive discursos científicos como, por exemplo, o da Psicologia, “acentuando que a privacidade familiar e o amor materno são indispensáveis ao desenvolvimento físico e emocional das crianças”. (ibidem, p. 96).

Ainda sobre a feminização da profissão docente Paola Gentile (2005) explicita numa matéria a Revista Nova Escola:

Historicamente, a profissão é identificada com o sexo feminino. "Durante séculos houve resistência à idéia de as mulheres trabalharem no Brasil, mas o magistério encaixou-se bem para elas", afirma Jane Soares de Almeida, coordenadora de pós-graduação da Universidade Metodista, de

São Bernardo do Campo, na grande São Paulo. Dar aulas para crianças, e ainda em meio período, era uma atividade compatível com os papéis de dona-de-casa e de mãe.

Ao mesmo tempo em que as mulheres entravam no mercado de trabalho, os homens começavam a ter mais opções tanto de cursos secundários (voltados para o comércio e para a incipiente indústria) e de graduação, para exercer carreiras na época tidas como mais promissoras, como direito, medicina e engenharia — profissões às quais as mulheres ainda não tinham acesso. Nos países europeus, as professoras já eram maioria desde a Primeira Guerra Mundial — já que os homens estavam lutando. No Brasil, essa condição foi alcançada nos anos 1940. Por isso o estranhamento quando um homem escolhe o magistério como profissão.

Além da imagem de "profissão de mulher", outro fato que afasta os homens da carreira é a remuneração. "A sociedade ainda vê o homem como o provedor do lar. Por isso, espera-se que ele opte por uma profissão que o faça financeiramente independente e capaz de manter casa e família. E professores de séries iniciais são os mais mal remunerados da carreira do magistério", analisa Maria Cristina Mantovanini. Casado e pai de dois filhos adolescentes, José Francisco Barbosa, de Osasco, complementa a renda da família com trabalhos de design gráfico, que é a sua formação. Já o professor Thomaz Spartacus Martins Fonseca, de Minas Gerais, por exemplo, mora com os pais: "Com os salários que recebo das duas escolas consigo viver bem, economizar e ainda ajudar nas despesas de casa".

Acredito na importância da figura feminina na educação, pois esta remete a afetividade. Mas também acredito na importância da figura masculina na escola. Quanto a isso Paola Gentile (2005) numa matéria a revista Nova Escola:

As crianças precisam ter contato com adultos fortes e atuantes, de ambos os sexos, em todos os lugares, especialmente na escola, onde elas começam a se socializar fora da família. "Tanto nas atividades pedagógicas quanto nas esportivas ou recreativas, os pequenos vão aprender a respeitar diferentes identidades, porque a sociedade é formada por ambos os sexos", afirma Deborah Thomé Sayão, pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina.

O contato com homens e mulheres é importante pelo que cada um dos gêneros representa culturalmente para as crianças: "A mulher (ou mãe) é a que protege, dá carinho e atenção. O homem (ou pai) é o que traz o mundo para dentro de casa, o que conhece e manipula melhor as leis e as regras", explica a psicopedagoga Maria Cristina Mantovanini, de São Paulo. Ricardo Barros, diretor do Externato José Bonifácio, também na capital paulista, vai mais longe: ele acredita que a ausência de professores nas séries iniciais dificulta a relação dos adolescentes com educadores do sexo masculino nas séries mais avançadas, como ele já presenciou em sua escola. "Esses jovens tendem a discriminar, a menosprezar e a enfrentar os professores homens no Ensino Médio", afirma.

Hoje percebo em minha prática que poucos pais participam da vida escolar de seus filhos. O que vejo hoje é a falta dessa figura masculina de pai, que assim

como a figura da mãe é igualmente importante para a construção da identidade das crianças.

Também se faz necessário acabar com visões que classificam as profissões em gêneros como “esta é profissão de homem e esta é profissão de mulher”. Acredito que existe a pessoa com mais habilidade para determinada atividade independente de sexo, idade, etnia, etc.

É preciso quebrar tabus, acabar com essas relações de gêneros tão fragmentadas, tão preconceituosas e tão excludentes.

7. A VOLTA POR CIMA...

Com o fato de que eu não conseguir um emprego, meu pai já estava pensando em vender a casa e o outro terreno e voltar para a cidade de Santo André, quando no dia 29 de dezembro de 2001, fui ao mercado e ao passar no caixa o moço me perguntou se eu queria levar o jornal da cidade que na época era gratuito, eu disse que sim. Chegando em casa abrindo o jornal vi escrito que haveria um concurso municipal para professores de educação infantil e ensino fundamental, e que a inscrição iria até o dia 30 de dezembro de 2001. Lembro-me como se fosse hoje eu li o jornal no sábado e o último dia da inscrição seria no domingo, e no edital do concurso dizia que era preciso levar uma cópia autenticada dos documentos pedidos. Como era sábado o cartório estava fechado, achei que não iria conseguir, mas no outro dia, domingo, fui ao local da inscrição e expliquei a situação para a pessoa que me atendeu e ela me disse que poderia trazer depois. Assim, fiz minha inscrição para a educação infantil. Um dos motivos pelo qual optei por fazer a minha inscrição para a educação infantil foi por acreditar que se queremos construir uma sociedade melhor devemos começar dando uma educação de qualidade para nossas crianças pequenas, pois elas são o futuro da sociedade.

Comecei então a estudar para o concurso pois a prova seria na semana seguinte. Não estava muito confiante, acreditava que não iria conseguir pois sabia que haveriam pessoas muito mais preparadas do que eu. Mesmo assim fui, fiz a prova teórica e fiquei aguardando ansiosamente o dia em que sairia o resultado do concurso no jornal, no dia anterior ao resultado eu nem consegui dormir direito.

No dia seguinte levantei bem cedo e fui pegar o jornal, nem esperei chegar em casa para saber, na rua mesmo eu o abri e vi o meu nome nele, na hora eu não

sabia se eu ficava feliz ou se eu chorava de tanta emoção. Três dias depois desse acontecimento, teria que ir ao sorteio de temas para a prova prática. O meu tema era artes visuais para crianças de 5 anos. Sabia que teria somente um dia para preparar a aula e que teria de apresentá-la para uma banca de professores. Estava muito ansioso e nervoso também, não tinha experiência em sala de aula e nunca havia me apresentado para uma banca examinadora de professores.

No outro dia fui para a prova prática, parecia que não iria chegar a minha vez, de tão grande que era a minha ansiedade. Fiquei aguardando até que esta chegou, apresentei meu plano de aula e fiquei esperando o resultado sair no jornal.

Havia chegado o grande dia, peguei o jornal, abri e vi que eu havia tirado a nota máxima na prova, percebi que tudo estava ao meu favor. Quando saiu a classificação geral vi que havia ficado dentre os primeiros lugares. Não conseguia acreditar, foi um dia muito especial para mim, nunca vou me esquecer foi a partir desse dia que a minha vida mudou.

Fiquei aguardando a secretaria de educação me ligar. Quando foi início de fevereiro de 2002, eles me ligaram e percebi que a minha grande chance havia chegado, agradeço muito a Deus por esta oportunidade.

Realizei todos os exames médicos pedidos e levei todos os documentos solicitados ao departamento de recursos humanos da prefeitura para a minha efetivação.

Parece que tudo conspirava ao meu favor. Quando me mudei para Jaguariúna, no bairro onde moro, estava sendo construída uma escola municipal de educação infantil (E.M.E.I.). Da minha casa era possível ver o terreno onde estava

sendo construída a tal escola. Quando houve a atribuição de classe, consegui escolher esta escola para lecionar.

A sala dessa determinada escola não é minha, mais é como se fosse, pois, já faz três anos que estou nela. Na verdade quando eu entrei na rede municipal de Jaguaríuna, no ano de 2002, não havia sala livre nesta para que eu pudesse escolher. Mas havia em caráter de substituição, para o ano todo. Mesmo não sendo minha, a escolhi, a princípio por ficar próximo a minha casa.

Ao longo dos anos fui me identificando com a equipe pois esta é formada por profissionais comprometidos, responsáveis, que amam o que fazem, são amigos sinceros, ajudam no que for preciso, querem o melhor para as crianças. Hoje não me vejo lecionando em outra escola que não seja nesta. No final do ano de 2003, na atribuição, consegui finalmente uma sala que eu pudesse chamar de minha. Só que infelizmente não foi na escola que escolhi para lecionar. Por isso continuo como estou em caráter de substituição. Não penso em sair dela, a não ser que a professora dessa sala resolva assumi-lá ou que alguma outra professora com pontuação maior que a minha resolva pegá-la na minha frente.

8. PROFESSOR: DESAFIOS DE UM SONHO CONCRETIZADO...

Leciono no município de Jaguariúna, na Educação Infantil, desde o ano de 2002. Nunca me esquecerei, do meu primeiro dia na escola, ela ainda estava em construção, eu havia feito amizade com uma determinada professora e incentivei-a a vir trabalhar junto comigo nessa unidade escolar. Me lembro que chegamos juntos na escola, ao adentrar na escola me deparei com uma pessoa jovem e bonita que recebeu tanto eu como a outra professora muito bem: esta era a diretora da escola. Ao longo desses três anos que estou nesta escola fui descobrindo sua competência, dedicação, paciência, profissionalismo, entre outras qualidades que ela possui. Muitas pessoas me auxiliaram e me auxiliam no meu dia-dia, mas para mim a mais importante foi ela, pois grande parte de tudo que aprendi e aprendo devo a ela.

O começo foi difícil para mim, não possuía nenhuma experiência em sala de aula, tive apoio de uma professora na sala para me auxiliar. Essa pessoa me ajudou bastante em sala, me deu muitas dicas que me são úteis até hoje. Hoje posso dizer que depois de 3 anos de trabalho já me sinto mais seguro

O trabalho da Educação Infantil do município é norteado por uma proposta construtivista fundamentada na teoria de Jean Piaget por ter encontrado nela bases de que necessita para a formulação de seus objetivos e práticas pedagógicas. Sobre Jean Piaget, já havia ouvido falar no curso Normal, mais tive a oportunidade de conhecer os seus estudos trabalhando com a proposta na rede municipal de Educação Infantil e pude me aprofundar sobre ele em diferentes disciplinas do curso de pedagogia e quando cursei o PROEPRE um curso de extensão, que visa um estudo mais aprofundado sobre a sua teoria também na UNICAMP.

A teoria de Jean Piaget nos fornece dados dos quais se pode extrair princípios pedagógicos que fundamentam uma prática educativa destinada a favorecer o desenvolvimento da criança. São estes os princípios pedagógicos extraídos da teoria piagetiana que fundamentam o nosso trabalho:

o conhecimento não é adquirido como uma simples cópia da realidade, mas consiste na interpretação do real, de acordo com as estruturas cognitivas que o sujeito possui, através de um processo de construção.

O desenvolvimento da inteligência se dá por um processo contínuo, no qual se distinguem estágios, cuja ordem de sucessão é constante e invariável para todas as culturas.

As trocas sociais (interação social), que a criança realiza com seus pares e com os adultos desempenham papel importante no seu desenvolvimento.

A atividade lúdica é de fundamental importância para a criança pré escolar.

A proposta pedagógica já existe na rede a 10 anos mais ou menos. Como acredito que o conhecimento nunca está pronto e acabado, se faz necessário hoje uma revisão dela visando adequar a mesma a uma nova visão de ensino: o sócio-interacionismo de Vigotsky que tem por concepção a apropriação dos instrumentos e dos signos pelo indivíduo através da interação social e a Zona de Desenvolvimento Proximal: que revela os modos de agir e pensar ainda em elaboração e que requerem a ajuda do outro para serem realizados. Os indicadores do desenvolvimento proximal seriam as soluções que a criança consegue atingir com a orientação e a colaboração de um adulto ou de uma criança. Por isso acredito que o professor em sala de aula deve propor situações problemas e intervenções adequadas as crianças para que essas tenham um bom desenvolvimento.

Hoje, acredito numa concepção de ensino que valorize o ser humano, tenho consciência de que a minha educação não visou isso. Por isso não quero reproduzir o meu modelo de escolarização com os meus alunos.

9. CURSO UNIVERSITÁRIO: OUTRO SONHO A SER ALCANÇADO...

Em meados do ano de 2002, a minha diretora me entregou um edital de um processo seletivo que haveria para o preenchimento de vagas de um curso de Pedagogia para professores em exercício na Educação Infantil e primeiras séries do Ensino Fundamental dos Municípios da Região Metropolitana de Campinas na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Este surgiu para atender a exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que pedia formação superior aos professores, conforme já citei quando falei do curso Normal.

Essa era outra oportunidade que sempre esperei e que achei que nunca fosse possível acontecer: depois de conseguir realizar meu sonho de trabalhar como professor na educação infantil tinha muita vontade de fazer uma faculdade, não queria fazê-la somente para atender a exigência da lei. Queria fazer um curso superior, para continuar me aperfeiçoando na área da educação, pois acredito que os professores devem estar em constante atualização. Eu queria que fosse na UNICAMP pois esta é uma das universidades mais bem conceituadas do Brasil e fora dele. Mas tinha consciência do quanto era concorrido o seu vestibular. Achava que nunca iria passar. Pensei então em, prestar vestibular na faculdade de Amparo, mas na época a mensalidade da faculdade iria consumir metade do meu salário, então decidi esperar mais um pouco.

Quando recebi a notícia do processo seletivo que haveria para o preenchimento de vagas para o curso de Pedagogia para professores em exercício na Educação Infantil e primeiras séries do Ensino Fundamental dos Municípios da Região Metropolitana de Campinas na Universidade Estadual de Campinas

(UNICAMP), me deu um frio na barriga. Fiquei pensando se valeria a pena prestá-lo, pois acreditava não iria passar. Tanto é verdade que só contei sobre este, para os meus pais e meu irmão. Os meus outros familiares só souberam depois que eu descobri que havia sido aprovado, tamanho era o medo que eu tinha de não conseguir.

Paguei a inscrição no banco determinado, achei que havia perdido meu dinheiro, mas enfim fui em frente, peguei tudo que eu tinha do curso normal de nível médio e comecei a estudar.

A prefeitura de Jaguariúna disponibilizou o transporte para eu e as outras professoras interessadas no curso irmos fazer a inscrição no ginásio da UNICAMP. Me lembro desse dia como se fosse hoje. Nunca havia ido á UNICAMP, avistar aquele lugar enorme, uma verdadeira cidade me deixou sem palavras. Chegando ao ginásio, haviam muitas pessoas, eu olhava aquela imagem e me perguntava se realmente aquela inscrição iria valer a pena. Enfim já que estava ali me inscrevi e a sorte estava lançada, era só aguardar o grande dia: o dia da prova.

No dia da prova estava muito apreensivo, pois afinal nunca havia feito um vestibular e muito menos na UNICAMP. A prefeitura de Jaguariúna mais uma vez disponibilizou o transporte. Chegando lá fui direto para o local da prova, no prédio da engenharia, e aguardei até o seu início. Quando a trouxeram e a entregaram percebi que não teria como fugir. O conteúdo dela era bastante denso, confesso que achei muito difícil. Comecei fazendo um rascunho mais percebi que não teria tempo de passar a limpo, então desisti e comecei a escrever na prova mesmo. Ao terminar, saí de lá com a sensação de que haviam sugado toda a minha energia. Estava

completamente tonto não sabia para onde ir, afinal foram 4 horas dentro daquela sala.

Voltei para Jaguariúna com a sensação de que não havia ido bem, cheguei em casa ainda tonto devido ao desgaste. Desse dia em diante fiquei aguardando ansiosamente o resultado do mesmo sair na internet.

O dia do resultado chegou. Mas neste dia eu havia sido chamado para substituir uma professora numa determinada escola da cidade de Jaguariúna de manhã, pois leciono a tarde. Lembro-me como se fosse hoje. Era uma sexta-feira, levantei-me e fui direto para o computador, entrei na internet mas ainda não havia saído o resultado pois era muito cedo. Fiquei frustrado, pois queria saber se havia passado ou não. Desliguei o mesmo, me arrumei e fui substituir a professora. Toda as sextas-feiras na secretaria municipal de educação ocorrem reuniões entre as diretoras da Educação infantil no período da manhã. Uma determinada professora que trabalha lá neste período e a tarde na APAE também havia feito a mesma prova e queria saber o resultado dela. Então ela entrou na internet, lá na secretaria mesmo, e percebeu que o resultado já havia saído, viu que havia passado e deu uma olhada nos nomes dos outros que também haviam passado. Ela percebeu que mais pessoas de Jaguariuna haviam passado. Aproveitando que as diretoras estavam ali essa determinada professora comunicou a elas quais foram as pessoas da cidade que haviam passado. Uma delas era eu mas eu ainda não sabia disso.

Estou eu lá na determinada escola substituindo quando batem na porta e me avisam que a minha diretora queria falar comigo, naquele momento achei que havia acontecido alguma coisa, senti um frio na barriga. Ao atender o telefone fui recebido por ela com um sonoro parabéns, fiquei pensando comigo, não era meu aniversário,

porque ela estaria me dando os parabéns. Quando ela me disse o motivo do parabéns eu não acreditei. Havia passado no processo seletivo da UNICAMP. Desliguei o telefone e continuei dando aula. Saí de lá ainda não acreditando. Fui trabalhar a tarde e todos me parabenizaram pelo feito. Cheguei em casa e contei a minha família que havia passado na UNICAMP. Eles ficaram muito contentes por mim.

Dias depois providenciei os documentos pedidos e novamente a prefeitura de Jaguariúna contribuiu com o transporte para que realizássemos a matrícula. Me lembro como se fosse hoje! fizemos a matrícula no ginásio onde haviam muitas pessoas. Eu não via a hora de chegar na minha vez para que eu pudesse consumir o fato e me considerar aluno da UNICAMP. Finalmente meu outro sonho havia sido realizado iria estudar numa universidade, numa universidade de renome como a UNICAMP.

As minhas expectativas para esse curso foram positivas, sabia que fazer este seria muito importante tanto para minha vida profissional e pessoal.

A relação teoria e prática criada foi muito importante pois, quando fiz o curso Normal, vivenciei a teoria mas sem a prática do que me adiantou. Acredito hoje que a teoria deve estar sempre aliada a prática.

Durante o curso descobri a importância da pesquisa no trabalho do professor. Como diz Madalena Freire "... a pesquisa move a construção do conhecimento...". Descobri também a importância da observação e do registro do professor em relação a sua prática. Novamente recorro a Madalena Freire quando esta diz que "... o instrumental, que disciplina sua prática de pesquisa, de estudo, é a observação e a reflexão...". Hoje percebo o quanto a minha formação escolar não valorizou a

pesquisa e as formas de registro. Hoje tenho a necessidade de fazer um registro de minha prática visando refletir sempre sobre ela.

Termino o curso ciente que a minha consciência não é mais ingênua, saio deste com uma nova forma de pensar educação.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

AYOUB, Eliana. **Ginástica geral e educação física escolar**. Editora Unicamp, 2004.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Desafios da História Integrada. **Revista IBEP**. Ano 1. Nº. 10. Março 2001.

COSTA, L. F.; PEREIRA, Juliana Fernandes. O Ciclo Recursivo do Abandono. **Acta Psiquiátrica y Psicológica de América Latina**, Lisboa, 2004.

DEBATES: Multiculturalismo e Educação

Capturado [on-line] em 25/05/2005 22h30min

Site: www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/mee/meetxt3.htm

<< Educarede >>

Capturado [on-line] em 23/05/2005 21h30min

Site: www.educarede.org.br/educa/oassunt.cfm?pagina=interna&id_tema=8&id_subtema=7

FONTANA, Roseli. CRUZ, Nazaré. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo - SP. Ed. ATUAL, 1997.

FREIRE, Madalena. **Instrumentos Metodológicos I**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996, 63 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 27.^a ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

FULGHUM, Robert. **Tudo que eu devia saber na vida aprendi no jardim-de-infância**. Sao Paulo, Best Seller, p.198p. 1988.

GENTILE, Paola. Professor homem a importância da figura masculina nas primeiras séries. **Revista Nova Escola**. Edição Nº. 183 Junho 2005.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL Nº. 4024/61. 1961.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL Nº. 5692/72. 1972.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL Nº. 9394/96. 1996.

LEITE, Antônio da Silva (org.) et al. **Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas**. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

LIMA, Mayumi Watanabe de Souza. A importância da qualidade do espaço na educação das crianças. **Crianças**. Brasília (DF): n.27 (1994) p.9-12.

LINDA, Allal. CARDINET, Jean. PERRENOUD, Philippe. **A avaliação formativa num ensino diferenciado**. Coimbra: Livraria Almedina, 1986.

MARCÍLIO, Maria Luzia. **História Social da Criança Abandonada**. São Paulo: Editora Hucitec, 1998

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Capturado [on-line] em 27/05/2005 20h

Site: www.emusica.ufrn.br/licenciatura/PAR_CES_1332001.pdf

MOURA, Anna Regina Lanner de. **Movimento conceitual em sala de aula**. Campinas, março de 2003.

_____. **Qual é o momento de criar matemática?** Campinas, 2002.

NARODOWSKI, Mariano. **Adeus à infância (e à escola que a educava) in: a escola cidadã no contexto da globalização**. Porto Alegre: Vozes, 2000.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

Projeto Estadual de mudança de sistemas para Educação Inclusiva da Lousiana. Fevereiro de 2005.

PROPOSTA PEDAGÓGICA DO MUNICÍPIO DE JAGUARIÚNA. 1994

SANTOS, AKIKO. **TÉCNICA E TÉCNICAS DIDÁTICAS**

Capturado [on-line] em 27/05/2005 13h54min

Site: http://www.educacaoonline.pro.br/tecnica_e_tecnicas.asp

Severino, Antonio José. **Filosofia**. Editora Cortez. Ano 1994.

SCHMIDT, SARAÍ. **REPRESENTAÇÕES DA DOCÊNCIA NO FOTOJORNALISMO**

Capturado [on-line] em 13/04/2005 14h43min

Site: http://www.educacaoonline.pro.br/representacoes_da_docencia.asp

STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe (org.) Sem Segredos: Cultura Infantil, Saturação de informação e Infância Pós-Moderna **In Cultura Infantil: A construção corporativa da infância**; tradução George Eduardo Japiassú Bricio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

STRAZZACAPPA, Márcia; VIANNA, Tiche In: FERREIRA, Sueli (org.). **O ensino das Artes-construindo caminhos**. Campinas: Papirus, 2001

VENÂNCIO, R. P. **Maternidade Negada. HISTORIA DAS MULHERES NO BRASIL**. SAO PAULO, 1997, v., p. 189-222.

ZENTI, Luciana. Coisa de menino. Coisa de menina. Será? **Revista Nova Escola**. Edição Nº. 152 Maio 2002.